

A ESCRITA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Bruna Fabiane Baptistella, Laura Noemi Chaluh

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

O presente trabalho está vinculado a uma pesquisa de mestrado que tem como objetivos discutir as potencialidades formativas da prática da escrita na formação inicial de professores e compreender a visão dos professores em formação acerca dessa linguagem. Através de uma perspectiva de pesquisa qualitativa em Educação, adotando a história oral temática como metodologia do trabalho, oito alunos do curso de licenciatura plena em Pedagogia, de uma universidade pública do estado de São Paulo, foram entrevistados e convidados a explicitar seus pontos de vista acerca das propostas de escrita existentes tanto nas disciplinas do curso que frequentam como em outros âmbitos dos quais participam (projetos de extensão, projetos de pesquisa, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID). Com isto pretende-se descrever as situações de escrita que os graduandos vivenciam, a relação que estabelecem com essa linguagem, bem como a visão que possuem em relação à prática de registrar aulas, experiências ou até a possibilidade de escrever acerca da própria vida como professores em processo de formação. Por se tratar de uma investigação ainda em andamento, os resultados aqui apresentados referem-se ao levantamento bibliográfico realizado sobre a temática da escrita no âmbito da formação inicial de professores através de bases de diferentes bases de dados e que contribuem para pensar o papel formativo da escrita como espaço possível para narrar experiências dos futuros docentes, assim como para repensar o lugar da linguagem escrita nos cursos de formação de professores. Palavras-chave: Formação inicial. Escrita. História oral.

A ESCRITA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Bruna Fabiane Baptistella; Laura Noemi Chaluh. UNESP – Rio Claro

Introdução

A partir de nossas próprias experiências enquanto estudantes, professoras, pesquisadoras, fomos percebendo o impacto que a prática de escrita tinha como dimensão formativa na nossa constituição. Assim, o presente trabalho surgiu e foi se delineando ao considerar as implicações da prática de escrita nos nossos próprios processos de formação.

Foram essas questões que nos levaram a fazer a proposição de um projeto de pesquisa (em andamento) que tem como temática a prática da escrita no contexto da formação inicial de professores. Neste trabalho socializamos alguns resultados produzidos a partir da referida pesquisa de mestrado, e que tem como objetivo geral investigar a potencialidade da prática de escrita no contexto da formação inicial de professores. Foram definidos como objetivos específicos: compreender a visão dos professores em formação acerca do sentido das práticas de escrita (relatórios, avaliações, diários, cartas, relatos de experiência, entre outras) e explicitar o papel formativo dessa linguagem na constituição de professores. No contexto da pesquisa elencamos algumas problemáticas, tais como: qual a relação existente entre os licenciandos e a prática da escrita? Quais os espaços que favorecem esta prática na universidade?

Tratando-se de uma pesquisa na área de Educação, adotamos uma perspectiva de pesquisa qualitativa, prezando pelos seus significados e pelo processo das ações educativas mais do que por um produto final (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Sendo assim, a metodologia empregada nessa investigação é a História Oral temática, que de acordo com Meihy (1996), “se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido” (p. 41). No caso deste trabalho, trata-se da prática da escrita no processo de formação pessoal e profissional dos futuros professores do curso de Pedagogia de uma universidade pública do estado de São Paulo.

Para atingir os objetivos da pesquisa foi enviada uma carta por e-mail aos alunos do primeiro ao quarto ano do referido curso, convidando-os para participarem da pesquisa. De um total de cento e oitenta e um alunos (número consultado na Seção Técnica de Graduação da Universidade), apenas seis se disponibilizaram a colaborar com o trabalho. Este fato fez com que entrássemos em contato pessoalmente com as turmas, a fim de reiterar o convite, ressaltando a importância da colaboração dos estudantes para pensarmos a formação que recebem na universidade.

Número de alunos matriculados do 1º ao 4º ano de Pedagogia – 2013			
Ano	Total de matriculados	Sexo feminino	Sexo masculino
1º	48	41	7
2º	47	45	2
3º	45	42	3
4º	41	39	2
Total	181	167	14

Quadro 1 – Número de alunos convidados para a pesquisa.

Alguns dos critérios que definimos para caracterizar o grupo de alunos que iria participar da pesquisa foram que pelo menos dois alunos de cada ano do curso fizessem parte da pesquisa. E ainda consideramos como critérios que pelo menos um de cada ano do curso tivesse tido a experiência de participar de algum projeto de extensão ou de projeto de pesquisa, ou ter sido bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Utilizamos este critério porque acreditamos que a presença e a prática da escrita no âmbito dessas propostas talvez poderiam ter uma outra característica daquela que ocorre no âmbito do curso, dentro das disciplinas. Sendo assim, do total de oito participantes, quatro deles frequentam apenas o curso de formação de professores e os outros quatro tiveram a possibilidade de participar de outros projetos, além do curso.

A participação dos alunos na pesquisa consiste na realização de uma entrevistas semi-estruturadas com cada um dos sujeitos, individualmente. Seguindo as etapas da História Oral, primeiramente a entrevista é gravada, em seguida transcrita e finalmente analisada (MEIHY, 1996).

De acordo com Lüdke e André (1986), a entrevista é um instrumento de coleta de dados que se diferencia dos demais porque possibilita uma relação menos hierárquica entre pesquisador e sujeito da pesquisa. Além disso, por ser adotada a entrevista semi-estruturada, seu roteiro é flexível e passível de mudanças de acordo com as falas dos entrevistados.

Neste trabalho socializamos a pesquisa bibliográfica feita até o presente momento e encontrada nas seguintes bases de dados.

Ao acessar na base SciELO (Scientific Electronic Library Online) a partir das palavras-chave “escrita e formação” foram encontrados 101 artigos, dos quais apenas 8 foram selecionados já que os mesmos trazem discussões acerca da escrita na formação inicial.

Já na ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), e levando em consideração as mesmas palavras-chave, selecionamos 5 artigos que foram encontrados nos Grupos de Trabalho (GT) 8 e 10 - “Formação de professores” e “Alfabetização, leitura e escrita”, respectivamente.

Os anais do CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica) - de 2010 e 2012 também fizeram parte do levantamento bibliográfico, o que resultou em 14 artigos relacionados à temática da pesquisa.

A biblioteca de dissertações e teses da Faculdade de Educação da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) também foi consultada: de 155 resultados encontrados com as palavras-chave “escrita e formação”, oito trabalhos foram selecionados.

Outro evento relevante na área de didática e formação docente também foi consultado: o XV ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino), ocorrido no ano de 2010. A escolha deste evento se deu devido a seu tema central propor discussões acerca do campo do trabalho e da formação docente, bem como práticas educacionais, e isso relacionar-se com a temática deste trabalho. Dessa maneira, dos 165 artigos publicados nos anais desse evento, 10 foram selecionados por fazerem

menção em seus títulos e/ou resumos à formação inicial de professores e às práticas de escrita.

A escolha das bases de dados citadas aqui se deu pela relevância das mesmas na área de Educação, sendo grandes divulgadoras das produções científicas no país. Os artigos e trabalhos científicos foram selecionados a partir da leitura de seus títulos e resumos, atentando para a proximidade de seus objetivos e temas com os interesses de nossa pesquisa.

Tais produções ajudam na construção do referencial teórico que permitirá discutir mais profundamente os dados obtidos através das entrevistas realizadas a partir da história oral temática (MEIHY, 1996; GUEDES-PINTO, 2006), assim como fundamenta a reflexão acerca da escrita no contexto da formação inicial de professores.

É acerca das leituras e fichamentos desses materiais levantados e das relações estabelecidas entre eles que este texto discorre. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, os resultados até agora obtidos referem-se à discussão teórica acerca do conhecimento produzido sobre a escrita e sua potencialidade formativa.

Das discussões teóricas

Kramer (1998) discute a escrita como prática importante e que deve ser valorizada pelos professores, não apenas porque assim vão ensinar seus alunos a valorizá-la, mas também, “reler essa prática, rever autobiograficamente a experiência passada, a situação presente e as perspectivas futuras significa — ou implica — reescrever essa história; dar-lhe outro sentido; ressignificá-la” (p. 21). De acordo com a autora, ao escrever, mesmo que uma simples ata, o sujeito se transforma e, por isso, a escrita tem caráter formador.

Ao encontro disso, outros autores defendem que a escrita não é uma prática que visa ao presente, tampouco envolve apenas seu autor:

a narrativa possibilita um espaço para o/a docente relatar ou escrever suas experiências, vivências, refletir e compreender a si mesmos e aos outros, assim como poder provocar a quem escuta ou lê as narrativas reflexões sobre seu próprio percurso de vida e formação (SILVA; DIEHL; MOLINA NETO, 2010, p. 8).

As escritas de registros, memoriais ou diários são abordadas em trabalhos que investigam a formação continuada do professor, ou seja, preocupam-se em discutir essa linguagem no contexto de professores que já saíram da graduação e exercem sua profissão nas escolas regulares. No entanto, a partir dos levantamentos bibliográficos já citados, é possível constatar que a mesma atenção não teve a prática da escrita no

âmbito da formação inicial docente, isto é, dentro do contexto do curso de formação na universidade.

O interesse por investigar as práticas de escrita presentes no curso de formação inicial de professores e as potencialidades formativas das mesmas faz sentido, uma vez que é nessa esfera – a universidade – que os futuros professores constroem parte dos saberes necessários à prática docente em sala de aula. Dessa forma, é de se questionar como o professor em exercício de sua função assumirá uma preocupação com a escrita de sua própria experiência sem ter tido uma relação significativa com a produção de textos autobiográficos em sua formação acadêmica, afinal, como aponta Kramer (1998), “é escrevendo que alguém se torna constituído de escrita” (p. 25). Talvez o professor não dê a devida importância à escrita porque não a experimentou significativamente durante sua formação inicial.

Além disso, Silva e Muniz (2010) afirmam que a prática da escrita vem, desde a escola regular, envolta por uma ideia de que sua função é apontar os erros do aluno e, “a essa ideia somam-se outras: proibição, didática e avaliação equivocadas que geram bloqueios, entaves gramaticais que sempre se interpuseram entre professor, aluno e escrita, no contexto escolar” (p. 3-4). No contexto universitário, as mesmas autoras apontam que as produções de texto, apesar de serem muito exigidas, não tem sido foco de estudos e reflexões, uma vez que os graduandos devem escrever textos e outros relatórios (de estágios, experiências na escola e trabalhos de conclusão de curso) a fim de serem lidos apenas pelo professor responsável por uma disciplina. Ainda assim, a escrita não é algo que faz sentido com a vida do futuro professor, não retrata seu processo formativo com tudo que houve de positivo e negativo, e o medo do conteúdo da escrita permeia, muitas vezes, a prática dessa linguagem.

Os alunos que se encontram hoje no curso de graduação, marcados pela formação da escola regular, que muitas vezes tornou vazias as práticas de leitura e escrita (KRAMER, 1998), vivenciam o desafio de se apropriar da escrita na academia como uma forma de se colocar, se posicionar, expressar as angústias da formação e, assim, refletir sobre seu próprio processo formativo.

Silva e Muniz (2010) por sua vez, apontam em uma de suas produções que

A historicidade das práticas de escrita na escola nos revela que esta, desde muito tempo, tem movido o aluno a construir um imaginário sobre a produção de texto como produto final de um processo, para correção de “erros” (p.3-4).

Daí a dificuldade de transformar a ideia que se faz da escrita, construída desde muito tempo na escola. No entanto, visando à formação docente, as práticas de escrita não podem permanecer envoltas por essas posturas:

As propostas de escrita precisam partir da compreensão, por parte do professor, de que ao escrever, o sujeito constrói seu texto sobre o alicerce do “nós”, constituído no curso de suas relações sociais; que o ato de produzir textos é significativo quando a escrita torna possível o “conhecer o outro” bem como o “conhecer-se através do outro” (SILVA; MUNIZ, 2010, p. 4).

A escrita, portanto, precisa ser compreendida como um espaço em que quem escreve tem liberdade para relacionar os acontecimentos com sua própria vida, narrando seu processo formativo a partir das reflexões que surgem com determinadas experiências.

Sobre a importância da prática da escrita no âmbito do curso de formação inicial, Pezzato (2010) ainda contribui argumentando que ela

possibilita que os estudantes pensem e repensem, pela produção discursiva, as ações e os saberes mobilizados no contexto da práxis pedagógica em que estão inseridos, seja pela vivência histórica, enquanto estudantes (pela memória), seja pela reflexão e análise a partir do seu lugar de estagiário no curso de formação professores, seja no contexto histórico, em que essa formação e essa profissão estão inseridos (p. 9).

Ao encontro dessas ideias, Oliveira (2009) também nos ajuda a pensar na escrita como um instrumento que transcreve a subjetividade do sujeito em processo de formação, evidenciando suas concepções, crenças, inquietações e a formação de sua identidade como profissional docente. O emprego de gêneros textuais que fogem do padrão acadêmico possibilita que o autor vá ainda mais longe com a escrita ao contar suas experiências e sensações acerca da vivência prática, por não ter caráter formal, obrigatório.

A escrita da própria prática, dos próprios pensamentos, faz com que o autor da narrativa assuma uma postura reflexiva sobre sua formação e assim produza novos conhecimentos acerca da educação, a partir das escritas sobre si mesmo.

Para Neves (2010), escrever sobre a própria vida significa

pensar a respeito de alguns eventos que da forma como aconteceram parecem sugerir, em algumas situações, a necessidade de continuidade, de retomada, uma sensação de um passado que ‘fala’, que ‘sussurra’ perspectivas, possibilidades futuras e até reiteraões, o diálogo entre a experiência e aquilo que está sendo contado (p. 126).

Este tipo de escrita, carregada de histórias de vida que fazem parte da constituição docente, é “vital na educação de professores, a instauração de oportunidades de reconstrução das trajetórias de vida e educação de modo a encontrar nas mesmas ancoradouros de escolhas que guiam nossas ações” (CATANI, 2006, p. 86).

Ainda acerca das potencialidades da prática de escrita na formação docente, Andrade (2003) nos leva a pensar nas implicações que surgem da falta de contato com a escrita na formação inicial dos professores, pois se as práticas de escrita sobre a própria vida e formação fossem mais valorizadas no âmbito dos cursos de formação inicial docente, ao chegarem às escolas os professores saberiam se dizer, ou seja, saberiam expressar o que geralmente fica silenciado. Além disso, ao tornar comum a prática de escrita de si na formação inicial, os saberes adquiridos na experiência prática ganhariam mais relevância e, com o tempo, seriam tão importantes para a formação quanto os saberes teóricos.

Esta mesma autora, em outro trabalho, relata a partir da realização de uma pesquisa com professores universitários de cursos de formação de professores, que as práticas de escrita estão baseadas nas atividades de leitura, isto é, só se escreve depois que se leu algum texto, não depois que se viveu alguma coisa. A escrita é tida como algo sério demais para permitir que se coloquem no papel as emoções, sensações, pensamentos, que não se bastam na objetividade do texto científico que é lido anteriormente à escrita (ANDRADE, 2004).

Todos os diálogos estabelecidos entre os diversos autores evidenciam a escrita como prática potente no que se refere à formação de professores, uma vez que ela propicia reflexão, seja sobre as experiências práticas, seja sobre o processo formativo do futuro professor. Além da reflexão, possibilita rever, reler a experiência e assim dar novos sentidos e significados a ela, conforme explicita Guedes-Pinto (2012): “ao sistematizarem suas dúvidas, dificuldades e conflitos protagonizados com os sujeitos da escola, trazem à tona o desafio de se posicionarem e de refletirem sobre a profissão docente” (p. 147).

Esta mesma autora argumenta que as práticas de escrita no âmbito dos cursos de formação inicial docente dependem do contexto e das demandas que apresentam, ou seja, o que os estudantes escrevem está sempre marcado pela realidade do cotidiano em que vivem, ou seja, as escritas estão carregadas de indícios (GUEDES-PINTO, 2012).

Indícios estes que podem se referir ao processo formativo do futuro professor que já se encontra inserido no contexto escolar seja através dos estágios ou por trabalhar dentro de escolas há certo tempo, ou ainda do professor em formação que ainda não

esteve na escola no lugar de estagiário ou aluno-pesquisador, mas que reflete sobre suas concepções de ensino-aprendizagem.

O valioso aspecto de a escrita ficar documentada, materializada, permite também que, em outros momentos do curso de licenciatura, o autor releia as escritas antigas e perceba – ou não – modificações nas suas posturas enquanto educador em formação. Cabe, além disso, ressaltar que os textos escritos no período da formação inicial carregam dados implícitos ou explícitos acerca de uma trajetória de formação que começa bem antes do ingresso na universidade, e que continuará acontecendo ao longo do exercício da profissão, o que possibilita pensar nessas escritas como dados de pesquisa, fontes de inquietações que se transformam em investigações.

Algumas considerações

Enfim, tecendo algumas considerações finais, como muito bem aponta Souza (2006), “pesquisar a formação inicial de professores, num contexto de incertezas, requer a busca de possibilidades que potencializem uma escuta sensível da voz do professor em processo de formação inicial” (p. 25). Possibilidades estas que podem ser um espaço para a escrita acerca de si mesmo, carregada de sentido para quem escreve e disparadora de outros novos sentidos aos leitores.

No âmbito das discussões teóricas, explicitamos a escrita como prática potente na formação docente, uma vez que ela propicia reflexões e re-significações acerca do processo formativo do próprio autor do texto. No entanto, destacamos agora a fala de uma das entrevistadas no início da pesquisa, que conta um pouco sobre a realidade de seu curso e as práticas de escrita nele instauradas. Podemos notar que há grande diferença entre o que os teóricos defendem e o que ocorre de fato durante a formação:

Entrevista com aluna Lavínia – novembro de 2013.

A gente tem que escrever muito [na universidade]. Só que essa escrita não tem o eu dentro dela, é uma escrita técnica e distante muitas vezes de tudo que a gente está sentindo e vivendo (...) é tudo muito padronizado, técnico, se negando enquanto sujeito dessa experiência. Tanto que sobre o relatório de estágio, a primeira pergunta que a turma fala é: “eu posso escrever eu... eu fiz aquilo?” (...) Escrever sobre experiência, sobre pensamentos, sobre ideias suas dentro da academia não é aceito.

Este relato evidencia que é preciso criar condições para que o futuro professor aprenda a enxergar a potencialidade de escrever suas reflexões, e mais do que isso,

é preciso aprender a escrever com nossas próprias palavras, com palavras em que nós possamos sentir que estamos presentes e por outro lado é preciso aprender a pensar por nós mesmos, com nossas próprias ideias, ideias que nos permitam sentir algo de nós mesmos (CHALUH, 2012, p. 4).

Dialogando com Guedes-Pinto (2012), “a prática da escrita, nessa perspectiva, ganha uma dimensão importante como forma de possibilitar um acesso aos sentidos atribuídos pelos sujeitos envolvidos na profissão docente ao que vem a ser o exercício do magistério” (p. 141).

A escrita, portanto, é uma prática capaz de proporcionar que as vozes dos futuros docentes ecoem nas letras das narrativas, escritas a partir das sensações vividas no processo de constituição docente. Acreditamos que os dados produzidos a partir da pesquisa irão contribuir para repensar nas práticas de formação de professores uma vez que a escrita pode ser pensada como uma possibilidade para que as palavras dos futuros professores comecem a circular, legitimando assim a produção do conhecimento produzido na escola.

Referências

ANDRADE, L. T. de. A escrita dos professores: textos em formação, professores em formação, formação em formação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 95, p. 1297-1315, dez. 2003.

ANDRADE, L. T. de. **Práticas universitárias de leitura e escrita de futuros professores**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt10/t108.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CATANI, D. B. A autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 77-87.

CHALUH, L. N. Cartas na formação inicial de professores. Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica, n. 5., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2012.

GUEDES-PINTO, A. L. Percursos de letramento de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental: o papel da história oral no estudo da memória de leituras. **Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente**, v. 13, n. 14, p. 45-59, jan./dez. 2006.

GUEDES-PINTO, A. L. Práticas de escrita no ensino universitário e suas relações com a formação docente. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 16, n. 30, p. 137-149, 1º semestre, 2012.

KRAMER, S. Leitura e escrita de professores. Da prática de pesquisa à prática de formação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7, p. 19-41, jan./fev./mar./abr. 1998.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NEVES, J. G. Cultura escrita e narrativa autobiográfica? Implicações na formação docente. In: CAMARGO, M. R. R. M. de. (org.); SANTOS, V. C. C. dos. (colab.). **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010, p. 123-139.

OLIVEIRA, O. B. de. Reflexões sobre a escrita na formação inicial de professores. **Educar**, Curitiba, n. 34, p. 111-126, 2009.

PEZZATO, J. P. Narrativa em cursos de formação de professores: o que os alunos da Geografia registram? In: Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica, n. 4., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2010.

SILVA, L. O.; DIEHL, V. R. O.; MOLINA Neto, V. **Narrativa escrita: relacionando a produção de conhecimento e a formação docente**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/f3p-efice/publicacoes/vera_cipa.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2013.

SILVA, O. S. F.; MUNIZ, D. M. S. Escrever (-se): uma trama entre a subjetividade e a Identidade do sujeito. In: Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica, n. 4., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2010.

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.